



Coordenação-Geral de Comunicação Social
Clipping 94/18 – terça-feira, 29 de maio

Jornal A Crítica

Artigo de Antonio Silva: Falta sensibilidade – 03

Jornal Em Tempo

Indústria e comércio ameaçados – 04



Falta sensibilidade

Como fumaça, esvaem-se as esperanças de uma recuperação econômica mais rápida que proporcione ao País melhores dias para a produção da indústria nacional e para a geração de mais empregos, com o correspondente aumento de renda da população. Se os últimos e graves acontecimentos são ruins para o País, como um todo para nós da Zona Franca de Manaus (ZFM) também é muito preocupante. Os reflexos da greve dos caminhoneiros, desde a semana passada, causaram grandes perdas às empresas e afeta as indústrias do Amazonas e, em especial, as que compõem o Polo Industrial de Manaus (PIM). Sendo justas ou não as reivindicações dos caminhoneiros, o fato é que os

**Antonio
Silva**

Presidente da FIEAM
e-mail: presidencia@
fieam.org.br



bloqueios das estradas interromperam o transporte de insumos, partes, peças e componentes essenciais na fabricação de produtos finais, afetando principalmente os setores de duas rodas e o eletroeletrônico, carros chefes do nosso potencial de produção e maiores geradores de emprego. Algumas indústrias já estão paralisando ou reduzindo suas produções, tendo em vista a ameaça de falta de reposição e,

caso não tenha uma rápida solução, outras empresas também serão paralisadas, gerando um prejuízo enorme para a nossa economia. Porém não só a indústria, mas toda a população sofre com os efeitos da greve, ocasionando desabastecimento geral de gêneros alimentícios, combustíveis, medicamentos etc., prejudicando o funcionamento de hospitais, escolas e outras atividades importantes no dia a dia da população. Esperamos que o anúncio do Governo, na noite de domingo passado, que se compromete em reduzir na bomba o valor do diesel para R\$0,46 o litro durante 60 dias, isenção do pagamento de pedágio para eixos suspensos de caminhões vazios, além da

promessa de que os reajustes após o prazo anunciado só ocorram a cada 30 dias, bem como a determinação para que 30% dos fretes da CONAB sejam realizados por caminhoneiros, assim como também o estabelecimento de tabela mínima de fretes e a manutenção do setor de transporte rodoviário de carga com a desoneração da folha, sejam suficientes para pôr fim a greve dos caminhoneiros, voltando à normalidade as atividades e recuperando o tempo e dinheiro perdidos. Na oportunidade, queremos reafirmar a falta de cuidado necessário para tomada de medidas que afetam diretamente a vida e o trabalho do povo brasileiro. O Governo continua sem discutir, previamente, as

questões importantes com as partes interessadas, visando única e exclusivamente sua sanha arrecadatória, sem medir as consequências de suas atitudes. Qualquer oneração no transporte de carga repercute imediatamente em todas as cadeias produtivas, pois não há como aumentar ainda mais o preço do frete praticado. No fim, pela falta de sensibilidade, paga o povo brasileiro por todos os problemas que poderiam ter sido evitados. Resta torcer pela volta mais rápida a normalidade, a fim de que possamos recuperar as perdas e a economia nacional para, finalmente, sairmos dessa crise que persiste, graças aos desacertos de nossos dirigentes.

Indústria e comércio ameaçados

Por conta da greve dos caminhoneiros, os dois setores já sentem, respectivamente, redução do volume do hortifrúti e sinais de paralisações de linhas de produção no Polo Industrial de Manaus

Joandres Xavier

No dia de paralisação dos caminhoneiros no Brasil, o comércio e a indústria do Amazonas temem o desabastecimento das prateleiras e a paralisação de linhas de produção, respectivamente, nos próximos dias. Os representantes dos setores que apoiam o movimento, mas destacam que a falta de trafegabilidade das cargas já resultou em pouca oferta de hortifrúti no comércio local que vem de outros Estados, bem como a saída da produção nas fábricas do Polo Industrial de Manaus (PIM) para o grande mercado do Sudeste.

Apesar de a negociação da Associação Brasileira de Caminhoneiros (Abcam) ter resultado em um acordo assinado com o governo federal de redução do preço do diesel em R\$ 0,46 até dezembro deste ano, parte dos caminhoneiros autônomos não reconhecem a entidade como representante da categoria e intensificaram as manifestações em Manaus, nesta segunda-feira (28).

O comércio de Manaus depende quase 100% das estradas para ter mercadoria nas prateleiras. Por enquanto o varejo está com estoque suficiente para operar por mais de uma semana. Mas o presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Manaus (CDL-Manaus) disse que a partir da próxima quinta-feira, caso os caminhoneiros não voltem à atividade, o setor começará a sentir o desabastecimento.

O empresário observou que o Amazonas sente os problemas do

Sul e Sudeste do Brasil, com um atraso médio de dez dias, o que chama de efeito retardatório. "Nesse momento não tem nada faltando de tão sério para a gente sobreviver. Prejudicado de fato está o segmento de hortifrúti, que são frutas, verduras iogurtes, por exemplo, que têm uma durabilidade mínima de 72 horas, e não temos estoque sobrando disso. Mas, os demais produtos, todos temos estoque suficiente", detalhou Assayag.

Segundo ele, a situação dos caminhoneiros é mais prejudicial por conta da falta de mercadorias que não estão chegando e não podem transportar aqui dentro do Estado. "Hoje o Amazonas tem até 30% a mais de caminhoneiros do que deveria ter, porque as vendas caíram e não tem carga para poder trabalhar", reforçou o presidente da CDL-Manaus.

Indústria

As fábricas do distrito, por outro lado, podem estar em uma situação mais tranquila em relação ao comércio, por enquanto. No entanto, não estão livres de desabastecimento também, se a greve for mantida por um longo período, segundo confirmou o presidente do Centro da Indústria do Amazonas (Cleam), Wilson Périco. Ele disse que o maior perigo é a paralisação de linhas de produção.

"A falta de insumos varia, porque o nível de estoque depende de fábrica para fábrica. Até agora não temos nenhuma confirmação, mas já devem existir linhas de produção paradas. O risco maior é parar



ARQUIVO EM TEMPO

a linha de produção, o que ameaça os empregos, e quanto mais os dias passam, aumenta o perigo", revelou Périco.

O presidente do Cleam informou

também que, por enquanto, parte da mercadoria pronta já está impedida de sair por conta da paralisação dos caminhoneiros, mas ainda é possível que atividade volte ao normal, caso as rodovias sejam liberadas brevemente.

"São dois sentimentos agora. Um da indústria, que pode sair prejudicada, mas outro é de indignação desse governo que vemos aí. Toda a população já está de saco cheio de ser tão castigada com impostos e não ter o repasse de serviços públicos de qualidade", desabafou Périco.

Prejuízos nas vendas

As cargas que serão comercializadas no Amazonas, em grande parte estão no meio do caminho, paradas em algumas rodovias que saem de Belém, Boa Vista, Porto Velho e do Sul do Brasil. Além de outras embarcações que já saíram do porto de Santos, que demoram mais de semanas para chegar ao Amazonas.

Até o momento, o impacto maior da greve dos caminhoneiros está nas vendas. No sábado, por conta do baixo movimento no Centro e da insegurança das pessoas saírem de casa, o setor registrou uma queda nas vendas de 25%. "Neste último domingo também houve esvaziamento maior que o normal em restaurantes e lanchonetes na capital", disse Ralf Assayag.

De acordo com ele, aproximadamente 90% dos produtos comercializados no varejo local vêm de outras regiões do Brasil. Os outros 10% de que é produzido no Polo Industrial de Manaus são absorvidos pelos próprios mercados local e regional.